

Elomar lava a alma contra a divisão da Bahia

Divulgação

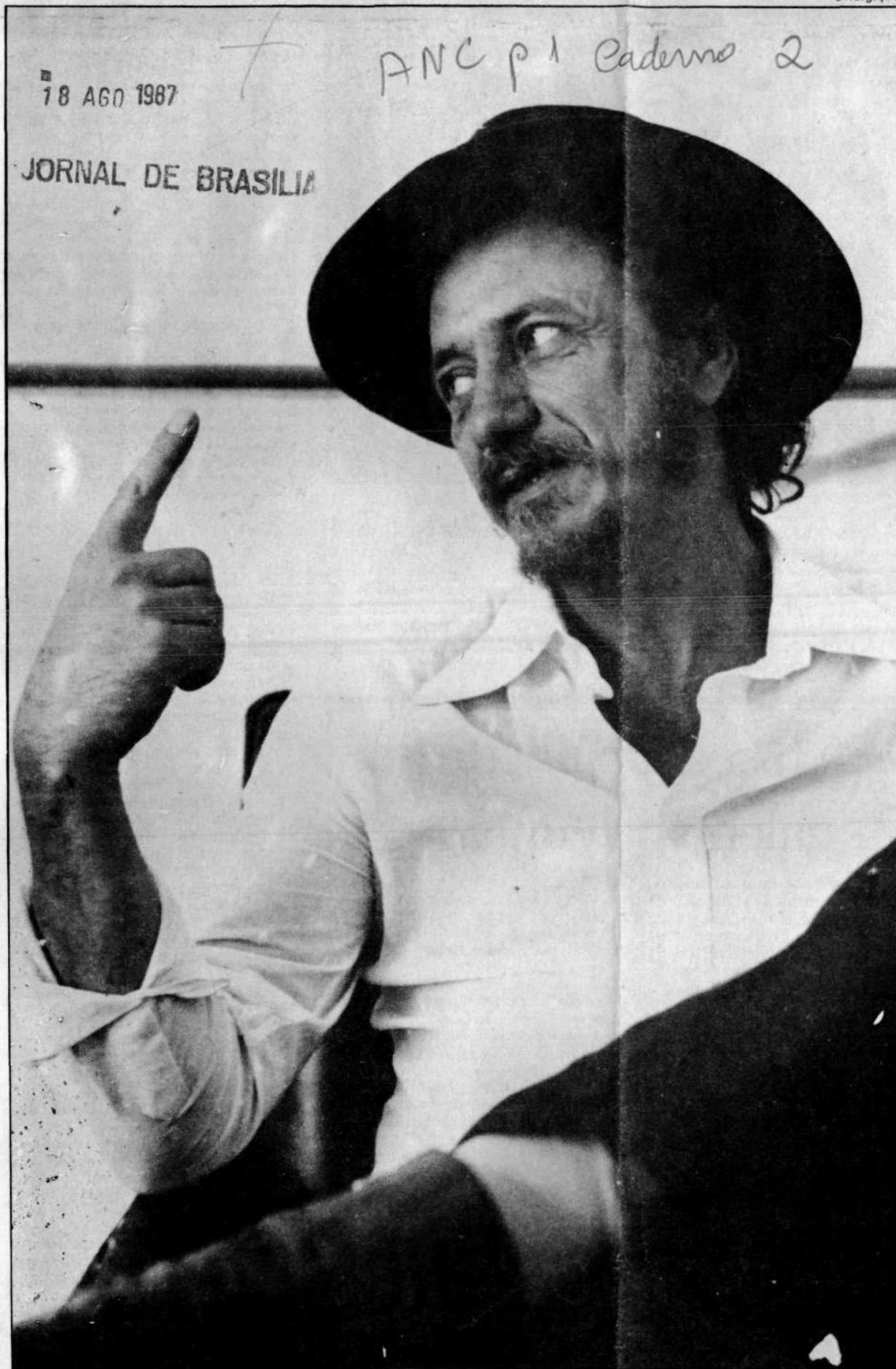
A proposta de divisão do Estado da Bahia, que tem provocado na Assembléia Nacional Constituinte uma saudável confusão, enquanto outras matérias, tão ou mais importantes, são tratadas com absoluta indiferença, mereceu do compositor Elomar uma expressiva carta à Constituinte, em que condena veementemente deputados que fazem propostas absurdas sem levar em conta os valores culturais brasileiros. "O país que não preserva seus valores culturais, jamais verá a imagem de sua própria alma", proclama Elomar, como uma indignação digna de um Castro Alves ou de um Glauber Rocha.

Elomar Figueira de Melo é, no mínimo, uma fascinante figura. Arquiteto de sucesso, resolveu abandonar tudo em nome do amor à natureza, à música e a uma criação de carneiros e bodes que mantém no interior da Bahia. Trocou um bem remunerado emprego de arquiteto pela quase solidão que cultiva no sertão baiano. Ou melhor, como ele próprio diz: "Troquei quatro paredes pela natureza infinita, onde posso finalmente saber o que pode significar a palavra liberdade".

O violonista Elomar, de canções intimistas e misteriosas, carregadas dos mistérios do sertão, embora naturalmente mais bem elaboradas e sofisticadas, é um inimigo das cidades. Quando esteve em Brasília com o "Consertão", que o reunia a feras como Arthur Moreira Lima e Paulo Moura, falou longamente sobre as cidades e o que, para ele, elas significam para a vida do homem. Segundo o doce radical Elomar, o homem não foi feito para viver em cidades. Seu raciocínio: o homem só vive em cidades porque não sabe fazer nada para si mesmo e depende da estrutura do sistema para sobreviver, seja em escritórios, serviços públicos ou "produzindo cultura". Daí a sua opção pelo campo.

Um dos melhores e mais originais compositores brasileiros, a música de Elomar não toca nas rádios, suas palavras não aparecem em jornais e ele mesmo jamais aparece. Preferiu uma espécie de exílio em seu próprio país. Quando vai a uma cidade, porém, sua visão é crítica e aguda. "Brasília não chega a ser aquele inferno das grandes cidades do sul. Mas você pode imaginar que alguém seja feliz ou se aproxime da felicidade aqui? Ela não foi feita para homens, mas para pessoas programadas para o trabalho não-criativo".

Outra coisa que Elomar não entende é o debate que cerca as questões de bem-estar, liberdade e independência. É lógico que ele não é contra que as pessoas das grandes cidades lutem por uma vida melhor e por melhores condições de trabalho, mas estranha que as pessoas não pensem em soluções alternativas e busquem justamente no sistema que as oprime a solução para seus males. Este é o Elomar que escreveu a carta à Assembléia Nacional Constituinte. Uma carta que define com clareza a importância do acervo cultural baiano.



ELOMAR:

"Como pode o servo — o deputado em foco — se arvorar em lotear a casa — o Estado da Bahia — sem consultar previamente seu senhor, o povo baiano?"

A carta de Elomar

Vitória da Conquista, 1987

De: Elomar Figueira Mello
À Assembléia Nacional Constituinte:

Numa dessas vindas de nossa Fazenda — Casa dos Carneiros, onde moro e demoro mais por amor à natureza que Deus fez no Sertão Cataguêiro de Conquista, e por conseguinte de nossa histórica Bahia, ao chegar em casa na Cidade, consternados, minha mulher e meus filhos, em curto relato, passaram-me que um certo Deputado de Itabuna, cujo nome a memória não registrou pela razão de só ser dada a fazê-lo quando se trata de santos, heróis e poetas) por conta própria e inteiramente **ad libum** resolveu rachar pelo meio o primeiro portal do Brasil — O Estado da Bahia, praticando assim com brutal temeridade um crime Lesa Integridade Cultural de um povo, em benefício de si próprio e de um pequeno grupo de infieis carreiristas delegados por este mesmo povo a deputar por sua causa.

Ora, este Richelieu grapiúna em sua glacial visão de político e impelido pela gana estúpida de entrar na Sagrada Casa da História pela janela dos fundos, se esquece ou com certeza desconhece:

— que a soberania de um povo, uma nação ou d'um Estado só se impõe se estiver firmada sobre seus fundamentos culturais. Assim é que somente o edifício que não tem história estará sujeito à demolição e a ser **carreado pela turbulência** do progresso. E o passado histórico da Bahia, Porta do Brasil — Berço da Pátria, Nossa Primeira Capital, é grandioso demais para ser degraus em escabelo de tão jactancioso votóforo iconoclasta.

— que, segundo Frederic F. Choppin — o maior cantor da alma polonesa — a arte é o espelho da pátria, o País que não preserva os seus valores culturais, jamais verá a imagem de sua própria alma. Ora, a Bahia é o grande berço de bardos cantores e profetas que desde o remotíssimo passado de Gregório — «O Boca do Inferno» — passando por Castro Alves e Conselheiro até a atualidade de Afonso Manta do Poço, em todos os segmentos da arte, construíram um dos maiores acervos de cultura do País, que, e portanto, não pode de maneira alguma sofrer fissão. O corte no espaço físico atingirá infalivelmente o corpo cultural — alma do povo.

— que, em tempos de democracia, o poder público é funcionário do povo, isto é, todos aqueles que ocupam cargos e funções, **verbi gratia**, vereador, prefeito, deputado, governador, ministro, presidente, general, chefe de polícia etc... são funcionários da sociedade; e, o que serve não pode decidir pelo que é servido. Sendo mais claro: como pode o servo — o deputado em foco — se arvorar em lotear a

Casa — o Estado da Bahia —, sem consultar previamente seu senhor — O Povo Baiano?!

— que, a despeito do embrutecimento catequético imposto a férreo pulso e irresponsavelmente pelos meios de comunicação a nosso povo, inda resta um pequeno remanescente que não foi atingido pelas presas envenenadas de Nociferatus, graças a Deus, o que me lembra que numa Constituição Sertaneja em seu primeiro artigo começaria assim: «Todo poder emana de Deus e em Seu nome será exercido».

— que, ainda e por fim, ante o silêncio dos comprometidos poetas e artistas que subiram ao poder e a indiferença dos meios de comunicação que se cumpliciam, posso dizer que já ouço do fundo do passado como que num intercâmbio cultural entre a morte e a vida, num sussurro, gemidos murmurantes de Ceceus, Manecas Camilos e Ruys, todos eles parafraseantes: «...malungo grite... brade...cante..., pois que se não o fizeres, os riachos e os montes, os picos da Mata e as pedras da Caatinga clamarão: não deixem que profanem o Bahiano Panteão».

Pois bem, estes, mais Nathur de Assis, Iris Silveira, Laudinor Brazil, Erathósthenez Menezes, Euripedes Formiga, Walter Figueira, Sosígenes Costa, Geovah de Carvalho, Ruy Bruno Bacelar, Glauber, Telmo Padilha, Jatobá, Adilson Santos, Gildásio Castro, Juscelino Franco, Antonio Brasileiro, Juracy Doréa Carlos Napolli, Agavino do Gavião, Antenoro, Raimundo Cunha, Geraldo Brito, Vivi do Angico, Ernani Maurílio, Geraldo Vieira, Edgar Mão Branca, Prof. Moura, Pe. Luiz Palmeira, Rosemberg Oliveira, Clodoaldo Cursino de Eça, Plácido do Poço, Carlos e Estela Debois, Olímpio Cardoso, Fernando e Terezinha Spindola, Vivaldo Mendes Ferraz, Haroldo Gusmão, Dino Correia de Melo, Anibal Viana, os Fernandes, os Silva, os Andrade, os Gusmão, os Oliveira, os Dantas, os Correia, os Prado, os Rocha, os Ferraz, os Coelho, os Pedreira, entre centenas e milhares de profissionais, estudantes, comerciantes, industriais, fazendeiros, agricultores, peões, vaqueiros, cantadores, cantores e poetas... não aceitamos a sacrilega e desonesta proposta porque:

Nascemos no mesmo berço

Unidos na mesma sorte;

A mesma terra a cantar

Choramos num mesmo verso

Que mesmo depois da morte

Não vamos nos separar!

Assim, em nome de todos aqueles que já se foram e dos que ainda vivem que por certo amam a integridade deste território em toda sua inteireza, passo às vossas mãos este protesto contra a divisão de nosso Estado, que ora batizo de «Carta da Bahia», o qual rogo seja constado nos anais desta Egrégia Assembléia, por testemunho da História.